

Resenha - Mentres perigosas: o psicopata mora ao lado

Marcos Paulo de Oliveira Santos

Ana Beatriz Barbosa Silva, médica graduada pela UERJ, com pós-graduação em psiquiatria pela UFRJ e professora *honoris causa* pela UniFMU (SP) trouxe à lume a obra *Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado*, no ano de 2008.

Esta obra, apesar de completar um lustro, ainda figura como uma das mais vendidas no país. É bastante esclarecedora e, concomitantemente, perturbadora, visto que traz em seu bojo as nuances do comportamento do psicopata e seus efeitos deletérios no tecido social.

Portadora de uma linguagem cativante, de fácil compreensão ao público leigo (o que é fundamental para a divulgação científica), a autora inicia a obra com uma pequena história envolvendo dois personagens: o escorpião e o sapo. Aquele deseja atravessar um rio e pede carona ao sapo. Este se recusa, porque teme a picada mortal do escorpião. Mas, o astuto aracnídeo por meio de uma argumentação racional alega que não atentaria contra a sua vida, porque ambos morreriam. O sapo se dá por convencido e o carrega nas costas, porém, ao chegar ao outro lado do rio, o mortal artrópode crava-lhe o ferrão...

O pobre sapo, antes de morrer, pergunta-lhe o motivo pelo qual o escorpião havia feito aquilo. E recebe como resposta: “*Porque essa é a minha natureza!*” (Silva, 2008, p. 15).

A autora, portanto, inicia a sua obra por meio de uma fábula. Modo bastante peculiar de trazer um ensinamento. Seu escopo é, portanto, analisar a ontologia do psicopata. Mas, não sob a ótica científica. Ela o materializa; ela o torna tangível e demonstra por inúmeros casos que, de fato, *ele mora ao lado*.

Ana desenvolveu sua paixão pela temática ainda na faculdade de medicina, quando teve uma aula intrigante sobre *consciência*. A abordagem utilizada pelo docente mexeu de tal modo com a pesquisadora, que ela resolveu debruçar-se sobre a área da Psiquiatria com enorme dedicação.

Assim, em sua obra, ela discorre acerca da consciência e demonstra ser esta uma espécie de “sexto sentido”; aquilo que nos impele a amar; aos gestos nobres; de renúncia; de sacrifício; de emoção.

É esse sentido o divisor de águas entre as pessoas consideradas normais e os psicopatas. As pessoas são capazes de amar; de reconhecer seus defeitos e procurar se corrigir. O psicopata não possui o sentido de consciência (Idem, 2008, p. 35). Ele não tem emoções.

Em geral, os psicopatas são “indivíduos frios, calculistas, inescrupulosos, dissimulados, mentirosos, sedutores e que visam apenas o próprio benefício” (Idem, 2008, p. 37). Eles podem ser de qualquer etnia, classe social, nível intelectual, pertencer a qualquer cultura,

em síntese, pode ser qualquer pessoa e independe de idade. Têm sua parte cognitiva intacta; perfeita; mas, não possuem a capacidade emotiva; falta-lhes essa faculdade.

Ora, não se trata aqui de arquétipos (*serial killer*) comuns da Sétima Arte, que nos causam pavor nas películas de suspense, duelando contra bons investigadores e policiais (a eterna luta entre o mocinho e o bandido). A autora rompe esse paradigma e demonstra que o psicopata quer satisfazer as suas necessidades imediatas e não mede esforços para obtê-las. Eles são astutos, são capazes de sugar a “nossa energia emocional” (Idem, 2008, p. 42), assim como os nossos bens materiais. Eles causam lesões afetivas graves em suas vítimas. Fazem de tudo para obterem vantagem e dominarem suas vítimas. Enfim, são vampiros, conforme a própria autora os descreve.

Ela demonstra inúmeras situações (casos do cotidiano) de pessoas que foram vítimas dessas mentes do mal. E esses exemplos denotam o quanto se deve ter cuidado com quem nos relacionamos.

Diante disso, cabe a pergunta: Em quem confiar?

A própria autora diz que há duas notícias, uma positiva e outra negativa. A má é que “*verdadeiramente* existem pessoas que não possuem consciência ou sentimentos nobres e, por isso mesmo, não podemos confiar nelas de maneira nenhuma” (Idem, 2008, p. 54).

A boa é que o número de pessoas psicopatas é reduzido. A maior parte das pessoas (em torno de 96%) possui uma base ético-moral consolidada e tem senso de responsabilidade; de decência; de compaixão.

A dificuldade em identificá-los está no entranhada em nossa própria cultura, sobretudo, em dois aspectos: a cultura da esperteza, que consiste em levar vantagem sobre os demais; utilizar-se de meios escusos para os fins. E a pecha de “coitadinho”. O psicopata a fim de ludibriar o nosso campo emocional, faz-se de vítima.

A meu ver, esse é um dos recursos mais comuns e constantes das pessoas inescrupulosas. Muito mais que apelar para o nosso sentimento de medo, os psicopatas de forma extremamente perversa, apelam para a nossa capacidade de sermos solidários (Idem, 2008, p. 61).

Tornamo-nos joguetes em suas mãos, porque eles sabem manipular os sentimentos, embora não os tenha. Quando sentimos pena, estamos entregues completamente ao jogo das emoções encetado pelos psicopatas.

Essa compreensão é fundamental para o exegeta das ciências jurídicas, porque a faina jurídica enseja muitos casos em que somos arrebatados pela emoção e isso pode obnubilar a nossa razão e senso de justiça (e imparcialidade) nos julgamentos.

Além dos casos relatados por pacientes em sua clínica, Ana Beatriz também discorre sobre algumas características dos psicopatas. Além das já citadas, eles se caracterizam pela

superficialidade e eloquência: são articulados; brincalhões; possuem o poder de cativar as pessoas por meio das palavras; utilizam-se de termos técnicos, por diletantismo, para causar uma boa impressão nos incautos.

São, também, *egocêntricos e megalomaniacos*: são narcisistas; têm mania de grandeza; acham-se superiores a tudo e a todos; “além disso, são extremamente hábeis em culpar as outras pessoas por seus atos, eximindo-se de qualquer responsabilidade” (Idem, 2008, p. 70).

Eles se caracterizam também pela *ausência de sentimento de culpa e ausência de empatia*: isso em decorrência da noção de consciência apresentada pela autora. Falta-lhes essa faculdade. Eles não têm consciência, logo, não podem amar; sentir culpa; responsabilizar-se pelo outro; ter compaixão.

Em decorrência de tudo isso, não é difícil constatar que também se caracterizam pelas *mentiras, trapaças e manipulação*. Ora, a mentira é algo natural e justificável sob o ponto de vista moral. Mentimos por necessidade, para proteger alguém, etc. No caso do psicopata a questão é mais ampla. Eles são

(...) mentirosos contumazes, mentem com competência (de forma fria e calculada, olhando nos olhos das pessoas. São tão habilidosos na arte de mentir que, muitas vezes, podem enganar até mesmos os profissionais mais experientes do comportamento humano. Para os psicopatas, a mentira é como se fosse um instrumento de trabalho, que é utilizado de forma sistemática e motivo de grande orgulho (Idem, 2008, p. 76).

Os psicopatas ainda possuem uma *pobreza emocional*. Ora, é um pouco redundante a autora abordar tal característica, visto que ela defende em toda obra, que os psicopatas não têm uma consciência genuína, ou seja, são incapazes de amar. Mas como há gradações em tudo no que concerne a saúde mental, torna-se importante destacar também essa característica.

Muitas vezes, os psicopatas querem convencer as pessoas de que são capazes de vivenciar fortes emoções, porém eles sequer sabem diferenciar as nuances existentes entre elas. Confundem amor com pura excitação sexual, tristeza com frustração e raiva com irritabilidade. Muitos psiquiatras afirmam que as emoções dos psicopatas são tão superficiais que podem ser consideradas algo bem similar ao que denominam de ‘proto-emoções’ (respostas primitivas às necessidades imediatas) (Idem, 2008, p. 78).

Eles são eminentemente racionais, não emocionais. O campo emotivo só é devassado para chantagear uma determinada vítima.

Além dessas peculiaridades, a autora discorre sobre tantas outras características que vão compondo a personalidade do psicopata, quais sejam: *a impulsividade, o autocontrole deficiente, a necessidade de excitação, a falta de responsabilidade, os problemas comportamentais precoces e comportamento transgressor no adulto*.

A pesquisadora, além de apresentar um rol de casos em que atendeu em consultório e da larga experiência com a temática, também expõe casos de grande repercussão na mídia; bem como a psicopatia nas diversas profissões e como determinadas empresas, pela sua cultura organizacional, fomenta a intriga, a competição espúria, o jogo sorrateiro entre seus colaboradores. Essa é, indubitavelmente, a parte mais inquietante da obra, porque é possível perceber do que o ser humano é capaz de fazer com o próximo, para obter êxito em seus objetivos nefastos, especialmente, em galgar postos elevados dentro de uma organização. É possível estabelecer, nesse momento da obra, um diálogo profícuo com Michel Foucault e sua *Microfísica do Poder*.

Posteriormente, quase ao final da obra, é feita uma abordagem acerca dos psicopatas extremamente perigosos e, em seguida, uma reflexão mais acurada acerca da maioria penal, visto que é comum o transtorno de conduta (delinquência) entre os jovens. Trata-se de um ponto nevrálgico no campo científico, filosófico, político e social.

Quando se deparar com uma questão como esta, a autora sugere o amplo debate com os diversos segmentos da sociedade. E destaca que

é fundamental destacar que a redução da maioria penal pouco vem contribuir para a diminuição da violência ocasionada por jovens perigosos, que são maus na sua essência. A meu ver, devemos avaliar a personalidade do infrator, a sua capacidade de entendimento dos seus atos, os seus sentimentos e a gravidade do crime cometido. Isso levaria a se considerar cada caso com sua justa individualização, tornando possível distinguir, de forma eficaz, os jovens que precisam e podem ser reeducados daqueles que são refratários a qualquer tipo de medida socioeducativa. Estes últimos, irrefreáveis e incompatíveis com o convívio social, devem ser rigorosamente punidos como adultos. Caso contrário, só iremos amargar cada vez mais a infeliz certeza de que eles não vão parar nunca (Idem, 2008, p. 147).

Ana Beatriz traça ainda uma análise do senso de justiça, compaixão, cultura e evolução. Estabelecendo como se forja no caráter humano os caracteres do bem, do mal, do certo, do errado. E demonstra que no caso do psicopata o melhor a ser feito é envidar esforços para auxiliar suas vítimas, porque ele não tem cura.

Para os profissionais de saúde, este é um fator intrigante e ao mesmo tempo desanimador, uma vez que não dispomos de nenhum método eficaz que mude a forma de um psicopata se relacionar com os outros e perceber o mundo ao seu redor. É lamentável dizer que, por enquanto, tratar um deles costuma ser uma luta inglória (Idem, 2008, p. 169).

Diante disso, ela apresenta ao final da obra, um *Manual de Sobrevivência*, no qual constam dicas gerais para lidar com psicopatas e que são apresentados a seguir: 1) Saiba com quem você está lidando; 2) As aparências enganam; 3) Não se esqueça de considerar a voz da sua intuição; 4) Abra os olhos com pessoas maravilhosas ou excessivamente bajuladoras; 5) Certas situações merecem atenção redobrada; 6) Autoconhecimento é fundamental; 7) Não entre no jogo das intrigas; 8) Cuidado com o jogo da pena e da culpa; 9) Não tente mudar o que não pode ser mudado; 10) Nunca seja cúmplice de um psicopata; 11) Evite-os a

qualquer custo; 12) Busque ajuda profissional; 13) Dê valor a sua capacidade de ser consciente.

A obra é um convite à reflexão da sociedade hodierna, marcada pela pusilanimidade, pelo hedonismo, pelo materialismo, pela banalização da violência...

Não se configura como uma abordagem tão nova para aqueles que têm uma bagagem literária e vivência das problemáticas humanas. Mas, ainda assim, agrega valor aos acadêmicos e pessoas de maneira geral, visto ter uma linguagem bastante simples e envolvente.

Perpassa na leitura da autora que vivemos em *tempos líquidos*, para nos remetermos ao velho Bauman. Essa liquidez causa essa pandemia da violência na sociedade. Torce-se pelo vilão, ao invés do herói; prefere-se a esperteza e “levar vantagem”, ao invés de aguardar pacientemente e de maneira justa a própria vez de obter alguma coisa; prefere-se a vida regalada e fácil de prazeres materiais, ao invés da obtenção desses mesmos bens por meio do trabalho honesto e justo, enfim, há uma inversão de valores graves.

É nesse sentido que a obra é perturbadora, porque se tornaram corriqueiros os comportamentos desviantes e isso precisa mudar.

José Saramago diz: *Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara*. Reparar as pessoas que nos cercam é a proposta do livro. Além, obviamente, do convite à edificação de um mundo melhor, mais justo e bom. Não é utopia; é o exercício da consciência genuína: o amor.

Referência

SILVA, Ana Beatriz B. *Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.